

15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

VIDAS LOUCAS IMPORTAM: POR UMA SOCIEDADE LIVRE DOS MANICÔMIOS

Bianca Estrela Montemor Abdalla França Camargo ¹,
Ludmila Erica Cambusano de Souza ²

¹ Estudante do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, Bolsista de Ensino, IFSP, *Campus* Jacareí, bianca.montemor@aluno.ifsp.edu.br

² Professora orientadora da bolsa de ensino "Reflexões sobre a educação inclusiva antimanicomial e decolonial em perspectiva histórica", Mestra em História Social, professora do IFSP, *Campus* Jacareí, ludmila.souza@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.05.05.03-9 História do Brasil República.

RESUMO: No Brasil, a luta antimanicomial teve grande impacto e influência dos movimentos sociais europeus que reivindicavam o fechamento dos manicômios, instituições frequentemente usadas como depósito de pessoas indesejáveis socialmente. Além disso, as reivindicações eram para que houvesse a realização de tratamento humanizado às pessoas com transtornos ou doenças mentais. O presente trabalho aborda e resgata a presença e luta das pessoas em sofrimento mental que foram submetidas a situações desumanas e de encarceramento, resgata a luta dos movimentos sociais, e pretende compreender as mazelas do sistema que tornaram possível a existência dos manicômios, bem como reconhecer as pessoas marginalizadas como vítimas desse sistema.

PALAVRAS-CHAVE: luta antimanicomial; saúde mental; movimentos sociais; reforma da psiquiatria; Brasil República.

CRAZY LIVES MATTER: FOR A SOCIETY FREE FROM ASYLUMS

ABSTRACT: In Brazil, the anti-asylum movement was significantly influenced by European social movements that advocated for the closure of asylums, which were often used as a repository for socially undesirable individuals. Additionally, these demands called for the implementation of humane treatment for people with mental disorders or illnesses. This work addresses and recovers the presence and struggle of individuals suffering from mental health issues who were subjected to inhumane conditions and incarcerated, it recovers the struggle of social movements and aims to understand the flaws in the system that allowed the existence of asylums, as well as to recognize the marginalized individuals who were victims of this system.

KEYWORDS: anti-asylum struggle; mental health; social movements; psychiatry reform; Brazil Republic.

INTRODUÇÃO

A luta antimanicomial no Brasil teve grande influência dos movimentos populares europeus que reivindicavam o fechamento dos manicômios e a introdução de tratamentos humanizados às pessoas em sofrimento mental. Esse movimento ficou conhecido como "Negação à Psiquiatria" (Boarini, 2020).

Franco Basaglia (1924-1980), psiquiatra italiano e grande liderança pela desinstitucionalização dos manicômios de Gorizia e em Trieste, tornou-se referência na luta por humanização nos tratamentos médicos e contribuiu significativamente para o fechamento de hospitais psiquiátricos. Basaglia defendia a destruição dos manicômios, reconhecendo que a existência de um ambiente de encarceramento se contradiz aos princípios da liberdade, humanidade e cuidado médico, por ser, essencialmente, um ambiente fechado, recluso, violento e desumano; questionava, outrossim, a função social dos manicômios e sua necessidade de perpetuar a desigualdade social e a marginalização dos pacientes (Mezza e Torrenté, 2020).

No Brasil, o Movimento de Trabalhadores de Saúde Mental (MTSM), o Movimento Sanitário, familiares e pacientes lutaram pela reformulação do sistema psiquiátrico, seguindo o modelo da lei da Reforma Italiana. (Lüchmann e Rodrigues, 2007).

A *Declaração de Caracas*, de 1990, definiu princípios básicos para a Reforma Psiquiátrica, deixando evidente a necessidade de respeito à dignidade humana e aos direitos humanos e civis das pessoas com transtornos mentais, pediu a revisão da função do papel do hospital psiquiátrico, reivindicou a valorização dos serviços de base comunitária, das práticas assistenciais promotoras de autonomia, etc. (Cardoso *et al.* 2020).

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho vem sendo desenvolvido por meio de Bolsa Ensino; o projeto intitula-se *Reflexões sobre a educação inclusiva antimanicomial e decolonial em perspectiva histórica*. Com a finalidade de se compreender a luta antimanicomial, o sistema de encarceramento e as dificuldades de se avançar em políticas públicas às pessoas com deficiência ou em sofrimento mental, buscamos em Michel Foucault, sobretudo a partir das obras *História da Loucura* e *Microfísica do Poder* o entendimento social, estrutural e coletivo que justificasse as demandas e problemas relacionados à pauta. *O Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex (2019), e *Violência de Estado na ditadura civil-militar brasileira* (1964-1985), de Maria Cristina Ocarix (2015), também contribuíram para o conhecimento do tema, além de documentários e filmes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da análise das referências bibliográficas e fontes, ficou evidente a responsabilidade do Estado que utilizou, historicamente, os manicômios para fins de controle institucional e depósito de pessoas indesejadas socialmente (pessoas com deficiência, negras, LGBTQs, pessoas em situação de rua, mulheres que foram violentadas, grávidas, crianças pobres, opositores políticos etc.) tudo por meio da violência, tortura, desumanização, morte social e assassinato institucional. Em *História da Loucura*, de Michel Foucault (2019), percebemos a estrutura social coletiva de encarceramento, enraizada no Ocidente e muito influenciada pela Igreja católica. Foucault questiona o que determina o que é loucura e o que é sanidade e traça uma linha histórica de análise social que justificasse a criação dos manicômios nas sociedades ocidentais, os motivos das internações e a função da Igreja católica que foi responsável por "cuidar" desses ambientes. Tal filósofo e historiador francês também buscou compreender quem foram as vítimas desse sistema e a relação entre Estado, Domínio e Poder.

Ao decorrer da pesquisa, percebemos a alteração do domínio da Igreja católica nos manicômios para a substituição do domínio da Ciência Positivista que se apropriou de um discurso cientificista para justificar atrocidades e reclusão social em nome de estudos científicos, ofuscando a discriminação e preconceito social às pessoas marginalizadas. No Brasil, além do histórico violento de colonização, herdamos as práticas ocidentais de discriminação estrutural racial, de gênero, capacitista e classista, além da naturalização do genocídio do povo negro, dos povos originários e das pessoas com deficiência.

A partir da leitura do livro-reportagem *Holocausto Brasileiro* (2019), escrito pela jornalista brasileira Daniela Arbex, foi possível aprofundar o conhecimento e as discussões sobre a instituição que

foi considerada um campo de concentração nazista segundo o psiquiatra italiano Franco Basaglia, em sua viagem pelo Brasil no ano de 1979. O Hospital Colonial de Barbacena (MG), também conhecido como "Cidade dos Loucos", foi um hospital marcado pelo genocídio de mais de 60 mil pessoas, inicialmente utilizado como hospital para tratamento de tuberculose e, depois, depósito e descarte de pessoas e crianças marginalizadas. O período em que mais ocorreram mortes nessa instituição foi entre as décadas de 1960 a 1970, ou seja, no início da Ditadura Militar do Brasil (1964-1985). O tratamento realizado na instituição era à base de eletrochoques, torturas, lobotomia, cadeiras elétricas, camisas de força, privação de água, comida e ausência de local adequado e seguro para dormir. As vítimas, muitas vezes, bebiam a própria urina, andavam nuas pelos pátios e viviam em meio a ratos e baratas. Foram relatados casos de estupros, roubo de bebês, venda de corpos para as faculdades de medicina e trabalho análogo à escravidão. Os métodos de tratamento e as condições extremamente insalubres e desumanas causaram a morte de mais de 60 mil pessoas, além da desumanização daquelas e daqueles que sobreviveram ao Hospital Colonial de Barbacena.



FIGURA 1. O Holocausto Brasileiro, Barbacena (MG)
Crédito: Reprodução/Luiz Alfredo/Revista *O Cruzeiro*

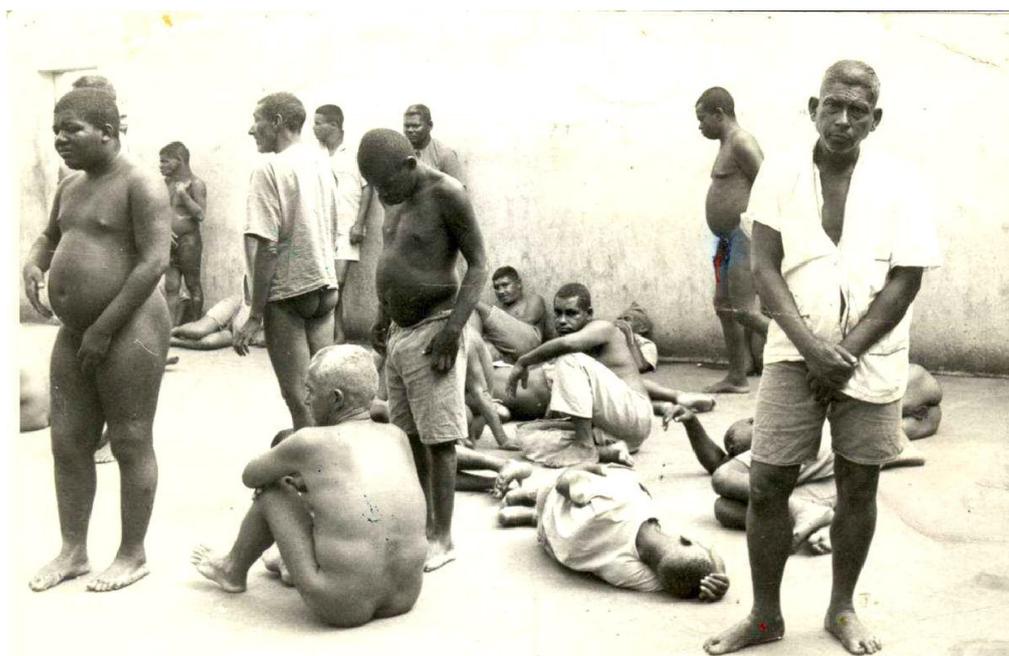


FIGURA 2. O Holocausto Brasileiro, Barbacena (MG)

Crédito: Reprodução/Luiz Alfredo/Revista *O Cruzeiro*



FIGURA 3. O Holocausto Brasileiro, Barbacena (MG)
Crédito: Reprodução/Luiz Alfredo/Revista *O Cruzeiro*



FIGURA 4. O Holocausto Brasileiro, Barbacena (MG)
Crédito: Reprodução/Luiz Alfredo/Revista *O Cruzeiro*

CONCLUSÕES

A luta antimanicomial reivindica os direitos fundamentais às pessoas em sofrimento mental e advoga pelo fim da estrutura manicomial, luta pela formalização de novas legislações, ampliação das redes de saúde mental e atenção psicossocial, além de compreender que as vítimas do sistema manicomial não são apenas as pessoas em sofrimento mental. O movimento combate o estigma e a exclusão de pessoas com deficiência e em sofrimento mental, luta pelo direito fundamental à liberdade, o direito de viver em sociedade e a receber tratamentos humanizados, cuidado e acolhimento, sem que tenham que abrir mão de seu lugar como cidadãs. O movimento considera a imensidão da subjetividade humana, reivindica a extinção dos hospitais psiquiátricos em favor de um modelo multidisciplinar, diverso, humanizado e a organização social contra as formas de violência e exclusão da loucura. O resgate da luta dos movimentos sociais, das vítimas, do questionamento da função social dos manicômios é importante para que nós nunca esqueçamos, para que jamais essas atrocidades manicomiais voltem a acontecer, para que a luta por uma sociedade livre do encarceramento esteja mais perto todos os dias. O presente trabalho teve o objetivo de relembrar a história que muitas vezes não foi contada, foi escondida e negligenciada pelo Estado, sem direito à reparação das vítimas desse sistema; o estudo busca lembrar, também, que mais de 60 mil pessoas foram mortas, que a importância da luta simplesmente é pelo direito básico e humano de existir, com condições dignas para viver.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

B. E. M. A. F. C. foi responsável pela escrita, seleção bibliográfica, revisão e correção do trabalho. L.E.C.S. realizou a orientação do estudo, seleção bibliográfica, revisão e correção do trabalho. Ambos os autores colaboraram com a correção do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Jacaré, pela concessão da bolsa de ensino; à Coordenadoria Sociopedagógica da mesma instituição; bem como às pesquisadoras, aos pesquisadores e aos movimentos sociais que debatem e lutam por uma sociedade antimanicomial.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro: Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

BOARINI, Maria Lúcia (org.). Uma luta antimanicomial: um mosaico de vozes insurgentes. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 20, n. 47, p. 21-35, abr. 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2020000100003. Acesso em: 30 jul. 2024.

CARDOSO, Antonio J. C. *et al.* Violência institucional e enfermidade mental: narrativas de egressos de um manicômio da Bahia. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 127, p. 1105-1119, out-dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/r8Ksc6S3R96v9m6n7b6jjWH/?lang=pt#>. Acesso em: 30 jul. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

_____. **Microfísica do poder**. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

LÜCHMANN, Lígia H. H.; RODRIGUES, Jefferson. O movimento antimanicomial no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 399-407, mai. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tx6gNG9GDzdh8wLcj3DW9px/?lang=pt#>. Acesso em: 30 jul. 2024.

MEZZA, Martín; TORRENTÉ, Mônica de O. N. A Reforma Psiquiátrica Brasileira como luta pelo reconhecimento e progresso moral. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 44, spe 3, p. 235-249, out. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/Q4GnSk9hmBNnZLNFC3YrfKy/?lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2024.

OCARIZ, Maria C. **Violência de Estado na Ditadura Civil-militar Brasileira (1964-1985) - Efeitos Psíquicos E Testemunhos Clínicos**. São Paulo: Escuta, 2015.